

Demagogia e crise

Nelson Senise *

A situação herdada pelo atual Governo Federal no setor da saúde pública não é de fazer inveja à mais distante e abandonada localidade do interior do país.

Não se trata de incriminar antecessores próximos no exercício do cargo. Os problemas vêm se acumulando há décadas, por incompetência, desídia, malversação de verbas, as más diversas causas. A solução, portanto, não poderá ser estritamente política.

Essa solução deveria ser de natureza humanitária. Há milhares de pacientes que recorrem diariamente aos precários serviços da rede hospitalar pública em todo o país. Só com boas intenções e um sentimento humano incontestável, o que bem pode aplicar-se ao Governo, não se conseguirá resolver o quadro dramático dos nossos hospitais.

A grande virtude do atual Ministro da Saúde é a sua incontestável juventude e a sua extraordinária mobilidade. Além, obviamente, da sua autofilia que vem ocupando as manchetes dos jornais com as denúncias dos nossos deficientes hospitalares e da nossa miséria. São fatos conhecidos de longa duração e exaustivamente discutidos e já mais resolvidos. É claro que nunca foram tão *colloridos*.

Há poucos dias tive oportunidade de visitar alguns hospitais da rede pública no Rio. A situação é deplorável; nenhum desses estabelecimentos dispõe de estrutura adequada para atender, como o Souza Aguiar, por exemplo, a uma média de 1500 pessoas por dia.

Dos diretores ao corpo clínico, passando pelos residentes e estagiários, a nenhum médico, em tese, se pode atribuir qualquer responsabilidade pela crise, já que antes eles se incluem também entre as vítimas desse acúmulo de erros, capaz de erguer um monte de deficiências mais alto do que o lixo radioativo que empesta o Brasil.

O problema que mais salta à vista e isto é imperdoável em estabelecimentos onde se pretende defender a saúde da população — é a ostensiva falta de higiene, captável sob qualquer aspecto de atividade hospitalar, com riscos mais acentuados no setor cirúrgico.

O limite tolerável de infecções hospitalares tange a índices dos 3% a 5%, mas na melancólica paisagem hospitalar carioca essa taxa começa nos 10%, com incontida tendência para subir. Nos hospitais particulares os índices alcançam uma média de 10% na periferia do Grande Rio, com queda a menos de 7% para as casas de saúde da zona sul da cidade. Não números exatos, mas de qualquer forma pouco animadores. É a glorificação da iatrogênica.

Sabemos que há graves falhas humanas, que há médicos que não honram a profissão e que seu comportamento, incompatível com a ética médica, não pode ser justificado de modo algum com o revoltante aviltamento dos salários de fome pagos à classe. Mas, na situação em que se encontra a nossa rede hospitalar, para incriminar os médicos, salvo os casos de aberratória iniquidade, é necessário antes dotar os nossos hospitais do mínimo indispensável à aplicação de um simples curativo. Porque, sem excesso, há locais onde a gaze é escassa, o esparadrapo não existe e o fio para sutura é luxo.

É certo que, no terreno exclusivo da higiene, teríamos de promover uma reeducação completa nos hábitos de muitos profissionais da rede pública, que não dispensam o lanche nos bares das rendondezas e que, para alcançá-los, não trocam o jaleco e voltam aos ambulatórios, às salas de cirurgia com a carga reforçada de agentes infeciosos capazes de induzir qualquer organismo isento de Aids a contrair uma septicemia fatal.

O último hospital que visitamos foi o Hospital da Lagoa. Situado numa zona nobre da cidade — Zona Sul — é o mais procurado pela população. Tem elevado conceito e possui um corpo clínico de alto padrão, reunindo nomes que honram a nossa medicina. Fomos gentilmente atendidos e ficaríamos encantados se a realidade não fosse tão cruel e decepcionante. Vejamos os números para comentar: possui 308 leitos, 1 504 funcionários, 527 médicos. Desses 308 leitos apenas 181 estão abertos e 127 estão desativados por falta de enfermagem adequada e material hospitalar. O atendimento ambulatório chega a mais de 1 500 pacientes. O Serviço de Emergência é o setor de maior eficiência, com três turnos, atendendo as mais diversas especialidades. Poderia ser considerado um hospital de luxo, uma vez que mantém uma equipe médica surrealista: 3,3 médicos para cada leito. Os 127 leitos fechados por falta de enfermagem contrasta com o número de funcionários: 2 080, que inclui naturalmente os médicos. Temos então 1 504 pessoas que se distribuem para os mais diversos departamentos de um estabelecimento que só atende a doentes, isto é, um hospital. Temos, portanto, um agrupamento de funcionários que atende os ambulatórios, além da parte de administração e setor hotelaria. São ao todo 1 504 pessoas que ocupam um espaço inteiramente vazio, com 127 leitos vazios apesar da necessidade diária de serem ocupados por milhares de pacientes que desfilam pelo luxuoso hospital. Surrealismo da nossa pobre-rica medicina demagógica.

O talentoso Ministro da Saúde poderia dar uma "incerta" no Hospital da Lagoa. Daria, com certeza, manchete nos três jornais que leio diariamente, além do JB.